

CRÍTICA

Cinema à flor da pele

© O DOMÍNIO POÉTICO do cinema de Karim Ainouz ganha mais um capítulo em "Viajo porque Preciso, Volto porque te Amo", que teve sessão prestigiada na Mostra de Cinema de Tiradentes

© Visto no Festival de Veneza e nas Mostra de Cinema do Rio de Janeiro e de São Paulo, "Viajo porque Preciso, Volto porque te Amo", abriu a 13a. Mostra de Cinema de Tiradentes, na homenagem ao cineasta Karim Ainouz. Outro destaque cearense foi "Estrada para Ythaca"

FÁBIO FREIRE*
Enviado a Tiradentes (MG)

O cinema de Karim Ainouz mostra pessoas em processo, trilhando novos caminhos, transformando suas vidas e buscando outras inspirações. É um cinema que privilegia a imagem, que tenciona os efeitos sonoros e brinca com a música. Seu cinema é composto de filmes de estrada, feitos na estrada, produções com personagens inquietos e que estão passando por algum tipo de crise. Um cinema de tesão, delírio, afeto, paixão, corpo, deslocamento e delicadeza, nas palavras do próprio diretor.

"Viajo porque Preciso, Volto porque te Amo", dirigido em co-parceria com o cineasta pernambucano Marcelo Gomes, não foge à regra. Terceiro longa do diretor cearense, o filme foi rodado há dez anos, antes mesmo de Karim despontar com os sucessos de "Madame Satã" e "O Céu de Suely", e Marcelo Gomes estrear em longa com o filme "Cinemas, Aspirinas e Urubus". Por agruras do destino, só ano passado o filme foi finalizado e passou a frequentar algumas mostras e festivais, tendo sido escolhido para abrir a 13a. Mostra de Cinema de Tiradentes, na

última sexta-feira, coroando a homenagem que o evento fez a Karim.

"Viajo porque Preciso, Volto porque te Amo" é, na verdade, um desenvolvimento de um projeto que gerou como embrião o curta "Sertão de Acrílico Azul Piscina". As imagens feitas para o projeto foram filmadas no interior de vários estados do Nordeste, em 1999, e deram origem ao curta lançado em 2004. Karim e Marcelo decidiram retomar o projeto e lançá-lo em forma de longa. A partir das imagens documentais captadas pelos diretores, ambos optaram por criar um personagem ficcional que daria um elo a essas imagens, estabelecendo, assim, um fiapo de narrativa.

Premissa simples

José Renato é um geólogo que viaja pelas estradas do sertão nordestino para fazer uma pesquisa de campo que avaliará o possível percurso de um canal que desviará as águas de um rio da região. Em uma espécie de diário de viagem, o geólogo narra suas impressões sobre o solo e as pessoas que encontra pelo meio do caminho, desabafando também sobre uma relação de amor que ainda lhe deixa marcas profundas.

A partir dessa premissa sim-

ples, Karim e Marcelo levam o espectador a uma viagem sensorial pelo sertão e pelo coração de José Renato. Para compreender e embarcar nessa dupla viagem propostas pelos cineastas, é interessante entender o próprio processo de construção do filme, segundo Karim Ainouz, feito de trás para frente: filmagem, pré-seleção das imagens, elaboração do roteiro e, por fim, montagem.

Antes apenas um curta que não passava de uma colagem aleatória de imagens, agora essas imagens ganham novos significados graças à intervenção da voz do geólogo que conduz todo o filme. José Renato nunca é visto pelo público, mas sua voz

© Karim e Marcelo decidiram retomar o projeto, iniciado em 1999, e lançá-lo em forma de longa

© O filme não cai na vala comum de outras obras experimentais que muito querem dizer ao confundir o espectador

corporifica seus desejos, medos, anseios e emoções e impede que "Viajo porque Preciso, Volto porque te Amo" seja um mero exercício estilístico experimental de linguagem.

Esse é, talvez, o maior mérito do longa. "Viajo porque Preciso, Volto porque te Amo" traz uma série de elementos que o classificariam como um filme experimental: alternância de vários formatos; dilatação temporal das imagens, geralmente apresentadas de modo distorcido, desfigurado, com fotografia ora estourada, ora granulada; imagens que não reforçam o que está sendo dito; efeitos sonoros que causam estranhamento e atribuem uma sensorialidade às imagens etc.

Personagem ferido

Mas o filme não cai na vala comum de outros trabalhos experimentais que muito querem dizer ao confundir o espectador fazendo uso de imagens descontextualizadas sem um conceito ou desenvolvimento por trás delas. Mesmo evitando fórmulas, "Viajo porque Preciso, Volto porque te Amo" não foge de uma premissa básica do cinema dito clássico: a empatia do público com o protagonista da história. Isso torna o filme de Karim Ai-

nouz e Marcelo Gomes ainda mais interessante.

Mesmo sem ter um personagem visível aos olhos do público e apelando para uma narrativa quase inexistente, os cineastas são bem sucedidos ao desenhar uma pessoa apenas fazendo uso de sua voz, despertando empatia no espectador e dando às imagens do filme uma emoção totalmente conduzida por José Renato (interpretado por Irandhir Santos). O resultado é um trabalho que, inicialmente, causa um certo estranhamento, mas que conquista o espectador à medida que nos aproximamos desse personagem ferido.

Se apropriando de imagens captadas e reprocessadas por meio da montagem e da narração do geólogo, Karim e Marcelo Gomes brincam com os limites entre documental e ficcional de forma poética e alegórica. As belas imagens, ora difíceis de se discernir, ora buscando uma nitidez e clareza, funcionam como espelhos e reflexos da voz de José Renato. Temas como isolamento e solidão são pincelados com delicadeza, e "Viajo porque Preciso, Volto porque te Amo" dialoga com o cinema de deslocamento e de inquietude de Karim Ainouz.

Definitivamente, "Viajo porque Preciso, Volto porque te Amo" não é um filme para todos os públicos. A estranheza de sua representação, os tempos mortos de sua imprecisa narrativa, a ausência física de um corpo que está presente apenas pela sua voz e a própria "sueira" das imagens o colocam quase na categoria de filme maldito. Mas o trabalho de Karim Ainouz e Marcelo Gomes vai muito além dos preconceitos contra o chamado "cinema experimental". Quando o filme entrar em cartaz (a pré-venda dos produtores é março/abril deste ano), o cinema vai ganhar mais uma chance de ver como o audiovisual tem um poder transformador. Meras imagens e sons são, na verdade, pura poesia. ©

* O repórter viajou a convite do evento

MAIS INFORMAÇÕES

© "VIAJO PORQUE PRECISO, VOLTO PORQUE TE AMO", (BRA, 2009). Direção Karim Ainouz e Marcelo Gomes. Com Irandhir Santos. 75 minutos. A Mostra de Cinema de Tiradentes prossegue até amanhã. Confira programação no site www.mostratiradentes.com.br

COMENTE

caderno3@diariodonordeste.com.br

Uma viagem pelo desconhecido



© CENA DO LONGA cearense "Estrada pra Ythaca", road-movie do coletivo Alumbramento revela toda a vitalidade de fazer filmes

Exibido na última terça, em Tiradentes, "Estrada para Ythaca" é um tapa na cara de quem se lamuria de não ter recursos para filmar. Sem apoio de empresas ou subsídios de editais ou leis de incentivo, o filme dos jovens realizadores Guto Parente, Pedro Diógenes, Luiz e Ricardo Pretti prova que é possível fazer bom cinema só com vontade.

O longa é um típico produto de uma geração com acesso a equipamentos cada vez mais baratos e disponíveis. Com a frase de Glauber Rocha como mote ("Uma câmera na mão, uma ideia na cabeça"), os cineastas caíram na estrada e fizeram um filme que não foge dos estereótipos da linguagem experimental, mas que dialoga com o público graças a sua qualidade técnica e tema central: a amizade.

O resultado dessa mistura é um road movie sobre quatro amigos que saem pelas estradas do Ceará depois da morte de um quinto amigo. É um filme sobre movimentação, mas também é um trabalho que tem a paralisia como mote. Os personagens parecem, em boa parte do filme, não estar indo a lugar algum, apenas divagando sem rumo ou propósito, apenas celebrando a experiência compartilhada.

Quase sem diálogos, "Estrada para Ythaca" é um filme silencioso, no qual todos os seus sentidos partem das imagens (bem filmadas) e dos efeitos sonoros (fundamentais para seu experimentalismo). Sem um eixo narrativo aparente, o longa é cheio de tempos mortos e põe o espectador na incômoda posição de preencher esses vazios.

Várias possibilidades

A partir daí, claro, "Estrada para Ythaca" pertence à premissa "ame ou odeie". Muitos se inco-

modarão com um certo amadorismo narrativo; outros apreciarão a beleza plástica das imagens. Alguns acharão que os tempos mortos tornam o filme lento e chato; outros poderão pensar que os silêncios e a confiança nas imagens tornam a obra um belo exemplo de exercício de linguagem e estilo.

De uma forma ou de outra, "Estrada para Ythaca" é uma espécie de aprimoramento de uma linguagem desenvolvida pelo Alumbramento, coletivo do qual os quatro fazem parte. Ainda que a proposta seja insistir em uma reflexão sobre as possibilidades estéticas do cinema – e os quatro deixam isso bem claro no filme -, o longa mostra uma evolução técnica que coloca esse trabalho em outro patamar nas obras do grupo.

Mesmo sem recursos, "Estrada para Ythaca" está longe de ter aquela aparência amadora dos trabalhos experimentais que acabam afastando-se do público. Ainda que longe de ser um trabalho fácil, ele demonstra uma certa preocupação em aproximar-se do público. Mais que uma evolução ou a busca de uma identidade cinematográfica, o longa representa uma maturidade no olhar de grupo de jovens que têm como méritos a vitalidade e a vontade de filmar. Mesmo com alguns erros no caminho. Como "Estrada para Ythaca" – e tantos outros road movies – mostra, o mais importante é a trajetória. ©

MAIS INFORMAÇÕES

© "ESTRADA PARA YTHACA", (BRA, 2010), direção, produção, roteiro, fotografia, som e montagem de Guto Parente, Luiz Pretti, Pedro Diógenes e Ricardo Pretti. Ficção, digital, 70 minutos.

